



O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DO CÓRREGO DA PRAINHA CUIABÁ, MT (SÉC. XX – XXI)

EL PROCESO DE URBANIZACIÓN DEL CÓRREGO DA PRAINHA CUIABÁ, MT (SIGLOS XX - XXI)

Nilayne Pereira Souza¹

Giseli Dalla Nora²

RESUMO

O processo de urbanização brasileiro se deu de forma rápida e intensa, não havendo qualquer preparação prévia para os problemas que logo surgiram após o aumento da população na área urbana, um deles foi o aumento da poluição dos recursos hídricos nas cidades e a questão da mobilidade urbana que na época era bem difícil, pois o caminho percorrido pelos operários para chegar à fábrica era longo e o percurso demorado. Desse modo, a solução encontrada foi a canalização dos recursos hídricos e posterior transformação dos córregos em avenidas, o que resultou em uma mudança da paisagem local, fazendo com que o modo de interagir das pessoas com os rios fosse alterado. Com o objetivo de minimizar os impactos da ação do homem sobre o meio ambiente foram criadas leis que visam ao equilíbrio ambiental de forma que garanta para toda a população uma sadia qualidade de vida. Assim, o presente trabalho teve como objetivo demonstrar o processo de urbanização do córrego da Prainha; para isso a metodologia escolhida foi a bibliográfica documental, que tornou possível a busca de informações sobre o processo de urbanização e a verificação da transformação da paisagem ao longo dos anos através de imagens fotográficas. Os resultados da pesquisa demonstraram que a urbanização do córrego da Prainha ocorreu do mesmo jeito que tantos outros espalhados pelo Brasil, ou seja, sua ocupação, iniciada ainda no séc. XVIII com a descoberta das minas de ouro, deu início ao processo de degradação do seu leito e poluição de suas águas, algo que só foi se agravando com o passar dos anos, até que em meados do séc. XX, visto como empecilho para o desenvolvimento de Cuiabá, é retificado de modo que escoasse de forma mais rápida o efluente lançado em seu canal. Posteriormente é canalizado e transformado em avenida após

¹ Licenciada em geografia pela Universidade Federal de Mato Grosso em 2021. Contato: nilayne.souza@gmail.com

² Professora adjunta da Universidade Federal de Mato Grosso atuando nos cursos de Pós-graduação em Geografia e Pós-graduação em História. Contato: giseli.nora@gmail.com

constatarem que estava localizado em uma área estratégica da cidade. No séc. XXI, onde o córrego passava está localizada uma das mais importantes avenidas da cidade sob o nome Av. Tenente Coronel Duarte, popularmente conhecida como avenida Prainha.

PALAVRAS-CHAVE: recursos hídricos; paisagem. população; urbanização; recursos hídricos; paisagem.

RESUMEN

El proceso de urbanización brasileño fue rápido e intenso, sin una preparación previa para los problemas que surgieron poco después del aumento de la población en el área urbana, uno de los cuales fue el aumento de la contaminación del agua en las ciudades y la cuestión de la urbanización, que en ese momento fue muy difícil, ya que el camino que tomaban los trabajadores para llegar a la fábrica era largo y el viaje tomaba mucho tiempo. Así, la solución encontrada fue la canalización de los recursos hídricos y la posterior transformación de los arroyos en avenidas, lo que resultó en un cambio en el paisaje local, modificando la forma en que las personas interactúan con los ríos. Con el objetivo de minimizar los impactos de la acción humana sobre el medio ambiente, se crearon leyes que apuntan al equilibrio ambiental de forma que se garantice una sana calidad de vida para toda la población. Así, el presente trabajo tuvo como objetivo demostrar el proceso de urbanización del arroyo Prainha; para ello, la metodología elegida fue la bibliografía documental, que permitió buscar información sobre el proceso de urbanización y verificar la transformación del paisaje a lo largo de los años a través de imágenes fotográficas. Los resultados de la investigación mostraron que la urbanización del arroyo Prainha ocurrió de la misma manera que tantos otros se extendieron por Brasil, es decir, su ocupación, que comenzó en el siglo XIX. XVIII con el descubrimiento de las minas de oro, se inició el proceso de degradación de su cauce y contaminación de sus aguas, algo que fue agravándose con el paso de los años, hasta mediados de siglo. XX, visto como un obstáculo para el desarrollo de Cuiabá, se rectifica para que el efluente vertido en su cauce fluya más rápidamente. Posteriormente es encauzada y transformada en avenida tras constatar que estaba ubicada en una zona estratégica de la ciudad. en el siglo XXI, por donde pasaba el arroyo se ubica una de las avenidas más importantes de la ciudad bajo el nombre de Av. Teniente Coronel Duarte, conocido popularmente como Avenida Prainha.

KEYWORDS: población; urbanización; recursos hídricos; paisaje.

1 INTRODUÇÃO

A cidade de Cuiabá tem como data oficial de sua fundação o dia 8 de abril de 1719. A história registra que os primeiros paulistas na região, onde hoje fica a cidade, datam de 1673 e 1682, quando, na passagem do bandeirante Manoel Campos Bicudo pela região, fundou o primeiro povoado no ponto onde o rio Coxipó deságua no rio Cuiabá, localidade batizada de São Gonçalo. Em 1718 chega ao local, já abandonado, a

bandeira do paulista de Sorocaba, Pascoal Moreira Cabral que, depois de uma batalha perdida para os índios Coxiponês, viu-se compensado pela descoberta de ouro, passando a se dedicar ao garimpo. (IBGE, 2007)

Em 8 de abril de 1719, Pascoal Moreira Cabral assina a ata de fundação de Cuiabá no local conhecido como forquilha, às margens do rio Coxipó. Foi a forma encontrada de garantir os direitos à capitania de São Paulo, por Rodrigues César de Menezes, como representante do reino de Portugal. No dia 1º de janeiro de 1727, Cuiabá é elevada à categoria de vila, com o nome Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá. (IBGE, 2007)

Rapidamente, contudo, as lavras de ouro se mostraram menores que o esperado, o que acarretou o abandono de boa parte da população, mas um século depois de sua fundação, Cuiabá foi alçada à condição de cidade em 17 de setembro de 1818. Tornou-se a capital da então província de Mato Grosso somente em 28 de agosto de 1835 que antes era Vila Bela da Santíssima Trindade. (IBGE, 2007)

Essa é a informação encontrada no site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) quando se procura sobre a história da fundação de Cuiabá, no entanto historiadores especializados nesse período, como Bezerra de Sá, afirmam que, em 1722, Miguel Sutil veio às novas minas para verificar a situação de uma roça que havia plantado. Como os bandeirantes que por essa região passavam tinham o costume de alimentar-se de produtos silvestres, Sutil mandou que dois índios os acompanhassem à procura de mel. Os índios, ao retornarem, traziam consigo pepitas de ouro que haviam encontrado. Sutil, após verificar o local em que a mina recém-descoberta se encontrava, migrou com seu pessoal para o córrego e dedicou-se à extração do ouro.

Segundo Silva (2007), no período de exploração do ouro a cidade foi tomando forma, sempre às margens do córrego da Prainha, sendo o morro do Rosário (Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito), do lado esquerdo do córrego, o primeiro ponto de povoação efetiva, porém o processo de construção e posteriormente concentração se deu na margem direita do córrego, o que atualmente corresponde ao centro histórico da cidade.

Silva (2007) ainda afirma que essa área foi escolhida devido à baixa inclinação do terreno e à facilidade de obtenção de água através da perfuração de poços artesanais, que encontravam um abundante lençol freático e não só pela proximidade com o córrego e as jazidas de ouro. Assim a cidade foi se formando com o ser humano

destruindo as matas de galeria para abrir espaço para o surgimento de casas e ruas, desse modo alterando o curso dos córregos que antes corriam livremente. Durante o século XIX, Cuiabá passou por grandes transformações para fazer jus ao título de sede da capitania de Mato Grosso, como construção do porto de Cuiabá para a instalação da capitania dos portos, dando origem ao processo de expansão urbana às margens do rio Cuiabá. Foi nesse período, mais especificamente no ano de 1836, que aconteceram as primeiras obras de retificação no córrego da Prainha que se encontravam obstruídas por entulhos que restaram da mineração; logo, essas obras tiveram como objetivo a solução desse problema.

Barreto (2015) explica que o córrego foi de suma importância para a manutenção da cidade, pois abastecia as fontes que eram os principais fornecedores de água para a população da época, bem como servia de ponto de encontro para as escravas que iam lavar a roupa na beira do córrego e de lazer para as crianças que as acompanhavam. Nessa época existiam cerca de aproximadamente oito fontes espalhadas pela região que hoje corresponde ao centro histórico. Dessa forma, pode-se notar como o córrego foi importante no processo de formação da cidade, pois foi nele que se encontrou o ouro que deu início ao processo de ocupação da cidade, assim como foi um delimitador para a escolha da construção das moradias e residências oficiais que naquela região se instalariam e a tornariam até os dias atuais um ponto estratégico para o desenvolvimento de Cuiabá.

Diante disso, esta pesquisa tem como objetivos demonstrar o processo de urbanização do córrego da Prainha, bem como mostrar a sua importância para a formação da cidade de Cuiabá; identificar as transformações ocorridas com o passar dos anos no córrego; verificar os motivos e o impacto da canalização no cotidiano da cidade.

Como referências bibliográficas para a realização desta pesquisa foram utilizados livros e artigos de autores como Romancini (2005), que retrata em seu livro o processo de canalização do córrego da Prainha; Castro e Alvim (2019, 2020), que relatam o processo de urbanização dos rios na cidade de São Paulo; Amedi (2014) e Oliveira (2016), que retratam em seus trabalhos o contexto político da época e como a cidade era estruturada. As fotos utilizadas no presente trabalho foram retiradas de livros usados como base para a realização da pesquisa; ademais, as imagens fazem parte da metodologia documental, pois consistem em fontes sem tratamento analítico ou científico, podendo ser usadas como complemento à pesquisa bibliográfica. Os

documentos analisados podem ser atuais ou antigos e utilizados na contextualização histórica, social e cultural. (FONSECA, 2002).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 METODOLOGIA

A metodologia utilizada foi a bibliográfica documental que, segundo Fonseca (2002), consiste no levantamento de referências já analisadas e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *website*. Ou seja, baseia-se no estudo da teoria já publicada, desse modo a pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados para apoiar o trabalho científico. (SOUSA; OLIVEIRA; ALVES 2021)

Severino (2007) afirma que os textos se tornam fontes dos temas a serem pesquisados; logo, o pesquisador trabalha a partir de contribuições de outros autores. Nesse sentido, consiste em um conjunto de informações e dados contidos em documentos impressos, artigos, dissertações e livros publicados. Boccato (2006) diz que a pesquisa bibliográfica busca o levantamento e análise crítica dos documentos publicados sobre o tema a ser pesquisado com o intuito de desenvolver o conhecimento e contribuir para a realização da pesquisa.

De acordo com Sousa, Oliveira e Alves (2021), as fontes da pesquisa bibliográfica são classificadas em fontes primárias, que consistem em informações do próprio pesquisador; secundárias, que facilitam o uso dos conhecimentos desordenados e os trazem de forma ordenada. Como exemplo disso, têm-se os bancos de dados e os livros; e as fontes terciárias, que estão nas guias de fontes primárias e secundárias, como a biblioteca. Ainda segundo os autores, na realização da pesquisa bibliográfica o pesquisador tem que ler, refletir e escrever sobre o que estudou, dedicar-se ao estudo para reconstruir a teoria e aprimorar os fundamentos teóricos.

2.2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Conforme Anelli (2015), em meados do séc. XX o estado de São Paulo recebeu um grande fluxo migratório que aumentou a área urbanizada, gerando preocupações

nos órgãos gestores e, como resultado, foi decretada a preservação dos mananciais que integravam o sistema de abastecimento da região. Tal decisão se mostrou ineficaz, visto que as pessoas ocupavam essas áreas mesmo com a legislação proibindo. Isso acontece devido à fragilidade socioeconômica das famílias que se veem obrigadas a morarem em áreas de risco e, como consequência disso, poluem os corpos hídricos com o efluente doméstico sendo jogado diretamente em seu leito. No início dos anos 90 o governo passa a minimizar os impactos dessa urbanização na qualidade da água.

Esse tipo de situação é algo comum na grande maioria das cidades brasileiras e em Cuiabá não foi diferente, pois a ocupação das margens do córrego da Prainha, iniciada no séc. XVIII e intensificada na década de 60, fez com que aumentasse a quantidade de efluente lançado diretamente no córrego, contudo não houve, por parte do governo, qualquer interesse em protegê-lo ou preocupação com a qualidade da água.

O alto custo das moradias nos grandes centros provoca a expulsão da população de baixa renda, obrigando-a, assim, a se concentrar em locais precários ou irregulares, como áreas periféricas e ambientalmente sensíveis. (MAFIOLETTI; VIEIRA, 2019)

Nas periferias encontram-se áreas com baixo valor de terra que o mercado formal não pode ou não quer ocupar ou de domínio do Estado, contudo essas áreas não possuem o mínimo de infraestrutura, sendo essa a forma de enfrentarem a ausência de alternativas habitacionais oferecidas pelo mercado e pelo Estado. (ANJOS *et al.*, 2017)

A ocupação dessas áreas começou a ocorrer de forma intensiva a partir de meados do séc. XX, com o processo de urbanização brasileiro, fruto da industrialização das cidades que gerou empregos e da mecanização do campo, que não necessitava mais de grande quantidade de mão de obra, fazendo com que trabalhadores migrassem com suas famílias para a cidade. Anjos *et al.* (2017) constataram que a ocupação de áreas como essa resulta na transformação da paisagem natural, ou seja, a supressão da vegetação e poluição dos rios.

A solução encontrada para essa problemática em muitas cidades, segundo Castro e Alvim (2019), foi a canalização dos córregos, pois possibilita o aumento da vazão e assim a sujeira, juntamente com os efluentes lançados no rio, são escoados rapidamente.

Castro e Alvim (2019) afirmam que essa ideia surge a partir da teoria do higienismo, que direcionou a arquitetura urbanística das cidades, atingindo principalmente rios e córregos até meados da década de 1960. Bartalini (2006)

esclarece que tal movimento foi o responsável por transformar o contato com o rio cada vez menor e até condenado em nome da saúde e da moralidade. Tal concepção surgiu pelo fato de colocarem nos rios, que se encontravam poluídos pela própria população, a culpa do surgimento de algumas doenças.

Relatam Castro e Alvim (2019) que durante o séc. XIX houve no estado de São Paulo uma epidemia de febre amarela que foi erroneamente associada aos córregos e rios. Desse modo, a população apoiou a canalização e retificação dos corpos hídricos, acreditando que solucionaria o problema da doença que mais tarde foi descoberto ser transmitida por um mosquito que se reproduzia em água parada.

Os engenheiros Saturino de Brito e Florence de Ulchôa Cintra foram os responsáveis pela criação e realização dos estudos que chegaram à conclusão de que para solucionar os problemas das inundações, bem como o do despejo de esgoto *in natura* seria necessária a realização de obras diretamente no leito do rio para aumentar a capacidade de escoamento dos rios de planície de baixa declividade com várzeas inundáveis e lentas variações nos volumes das águas em períodos de cheia. (CASTRO; ALVIM, 2019)

Essa iniciativa também foi tomada por conta da dificuldade de se encontrarem espaços para construir casas para os operários das fábricas e trabalhadores do comércio. Os únicos espaços disponíveis eram as áreas de várzea, que inundavam durante o período de chuvas; sendo assim, a canalização dos córregos também impulsionou o setor imobiliário que agora possuía áreas disponíveis para a construção. (CASTRO; ALVIM, 2019)

Algum tempo depois, Preste Maia elaborou um plano de avenidas que consistia na retificação e canalização dos córregos, algo que foi difundido pelo Brasil inteiro. Tal plano tinha como objetivo fazer a ligação entre os bairros, visto que durante o processo de industrialização da cidade de São Paulo, houve um significativo aumento da população. Nesse contexto, o plano consolidou o modal rodoviário como garantidor de fluidez, promovendo o sistema viário ao papel de indutor da ocupação urbana. (CASTRO; ALVIM, 2019)

A canalização e retificação de rios e córregos promovem uma drástica transformação da paisagem, sendo essa um de seus primeiros impactos, uma vez que a descaracteriza, fazendo com que perca o seu simbolismo, visto que para vários indivíduos os rios e córregos eram vistos como fonte de alimento, meio de circulação e transporte. (CASTRO; ALVIM, 2019)

A descaracterização de paisagens faz desaparecer hábitos e atividades da população associadas ao contato com a água, esquecidos e apagados os traços de origem da vida colonial determinada pela presença e pelas dinâmicas hídricas de seus rios. O passado agrário foi substituído por uma visão moderna das cidades. (CASTRO; ALVIM, 2019)

Para Tucci e Bertoni (2003), a urbanização tem efeitos negativos sobre os recursos hídricos, tanto nos parâmetros quantitativos quanto qualitativos, ressaltando que à medida que o processo de urbanização avança os corpos hídricos vão sendo assoreados, tendo as suas águas degradadas.

Os cursos hídricos situados na zona urbana são os mais afetados devido às intervenções feitas pelo homem, que têm como impacto o aumento da vazão máxima em até sete vezes, aumento da produção de resíduos sólidos, deterioração da qualidade da água como consequência principal das ligações de esgoto com a rede de drenagem pluvial. (TUCCI; BERTONI, 2003)

Ademais, os processos de urbanização das cidades consistem na transformação de uma economia rural para uma economia de serviços concentrada em áreas urbanas, o que, segundo Alvim e Castro (2019), consiste também na criação de infraestrutura para essa nova dinâmica, o que também implica na transformação da paisagem, passando de rural para urbana, resultando em impactos sobre os recursos hídricos que consistem primeiramente na sua poluição intensiva e posterior abandono através da construção de avenidas nos lugares em que antes os córregos passavam, promovendo o seu ocultamento em plena cidade.

Apesar de não ter sido diretamente abordado durante a construção do trabalho, o espaço geográfico é um conceito do qual não se pode esquecer, pois é nele que as relações acontecem e onde se pode ver a transformação da paisagem. Suertergaray (2001) o define como a coexistência de formas herdadas (de uma outra funcionalidade), reconstruídas sob uma nova organização com formas novas em construção, é a coexistência do passado e do presente ou de um passado reconstituído no presente. Santos (1997) se refere a essa categoria como acumulação desigual de tempos, concebendo o espaço como herança. Sendo assim, ele é indissociável, pois o espaço é uma coexistência de tempos diferentes.

A paisagem resulta das interações ocorridas no espaço geográfico, podendo ser entendida como a expressão materializada das relações do homem com a natureza num espaço circunscrito. (SUERTERGARAY, 2001)

Desde o séc. XIX a paisagem vem sendo discutida para se entenderem as relações naturais e sociais em um determinado espaço. Os geógrafos classificam de modos distintos a paisagem natural e a cultural. A primeira refere-se aos elementos combinados de terreno, vegetação, solo, rios e lagos, enquanto a paisagem cultural inclui todas as modificações feitas pelo homem, tanto em espaços urbanos quanto rurais, dessa forma, trata-se da apresentação do objeto em seu contexto geográfico e histórico, levando-se em conta a configuração social e os processos naturais e humanos. (SCHIER, 2003)

Bertrand (1971) afirma que a paisagem não é simplesmente a adição de elementos desconexos, pelo contrário, é uma determinada porção do espaço, resultado de uma combinação dinâmica, portanto, instável de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável em perpétua evolução.

Para Troll (1982), a paisagem é o conjunto das interações homem e meio, podendo ser analisada a partir de duas possibilidades: a forma (configuração) e a funcionalidade (interação de geofatores, incluindo a economia e a cultura humana). Ainda de acordo com o autor, a paisagem é o processo de articulação entre os elementos constituintes.

Já Santos (1997), concebe paisagem como a expressão materializada do espaço geográfico, interpretando-a como forma, considerando-a como constituinte do espaço geográfico (sistema de objetos). Para o autor, paisagem é o conjunto de formas que num dado momento exprimem as heranças que representam as sucessivas mudanças realizadas entre homem e a natureza.

2.3 O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DO CÓRREGO DA PRAINHA

Foi somente no final do século XIX e início do século XX que foram construídas pontes sobre o córrego da Prainha, o que foi um grande avanço, visto que por quase dois séculos a travessia para ambos os lados da Prainha era feita em precárias pinguelas ou por dentro do córrego. Na figura abaixo, pode-se observar o leito do córrego assoreado e o que também parece ser lixo em sua margem, pode-se assim deduzir que as águas do córrego já estavam em um processo de poluição avançada, não servindo mais para consumo humano.

Figura 1 - Córrego da Prainha 1930



Fonte: Pedro Rocha Jucá

Em meados do século XX, Cuiabá começa a passar por transformações que, segundo Oliveira (2016), até esse período o tempo e as mudanças costumavam ocorrer em seu próprio ritmo, havendo certa ausência da pressão que o capitalismo exercia em outras regiões para se alcançar o progresso. Contudo, essa situação não tardou a mudar, pois em 1937 o então presidente Getúlio Vargas anunciou para toda a população brasileira um novo programa de colonização, a marcha para o oeste, que tinha como objetivo a ocupação dos espaços vazios e a exploração de todas as suas possibilidades. (AMEDI, 2014)

Amedi (2014) ainda ressalta que tal notícia foi vista com bons olhos pela elite cuiabana, pois veio acompanhada por um pacote de obras oficiais que firmariam Cuiabá de vez como a capital do estado, visto que anos antes se discutiu a transferência da capital para Campo Grande que nessa época era mais desenvolvida do que Cuiabá. Essas obras foram feitas com o objetivo de torná-la uma cidade mais atraente para os migrantes das Regiões Centro-Sul, assim como demonstrar o potencial de crescimento do estado de Mato Grosso e consequentemente gerar mais investimentos. (OLIVEIRA, 2016)

O projeto de colonização teve continuidade durante o governo militar (1964-1985) intitulado Plano de Integração Nacional (PNI), que visava a promover a ocupação das Regiões Centro-Oeste e Norte do país, assim como solucionar conflitos que tinham a posse de terras como motivação nas Regiões Sudeste e Nordeste, atraindo

assim milhares de pessoas vindas de diferentes regiões do Brasil em busca de oportunidades. (AMEDI, 2014)

Contudo, aquelas famílias que não conseguiam ficar no interior se dirigiam em direção à capital, provocando o aumento da população e um adensamento da região central. É nesse contexto que o córrego da Prainha é canalizado e alguns anos mais tarde concretado, mudando drasticamente a paisagem do córrego que se transforma em avenida.

2.4 A CANALIZAÇÃO DO CÓRREGO DA PRAINHA

Segundo Romancini (2005), até o ano de 1940 o córrego da Prainha detinha um ar de simplicidade, não havendo quase nenhuma construção no local, porém essa situação mudou a partir dos anos 50, pois a população de Cuiabá vinha aumentando consideravelmente após o início das políticas de ocupação da Região Centro-Oeste.

Logo, é nesse contexto que o córrego da Prainha passa por uma de suas mais profundas transformações, com o aumento da população houve também um crescimento no número de automóveis que circulavam pela cidade, causando inúmeros congestionamentos, sobretudo nas ruas Comandante Costa, 13 de junho e Barão de Melgaço, que ligavam o centro ao bairro Porto. Verificou-se então a necessidade da construção de mais uma avenida para desafogar o trânsito e propiciar uma nova rota de ligação com o bairro Porto e a cidade de Várzea Grande, que dava acesso às regiões norte e oeste de Mato Grosso e ao estado de Rondônia. (ROMANCINI, 2005)

O local escolhido para a construção da nova avenida foi o córrego da Prainha que, no final da década de 60, já havia perdido praticamente toda a sua característica de manancial de água potável e estava altamente poluído, tendo em vista que na ausência de uma rede de esgoto adequada, os dejetos eram direcionados para o córrego, um problema recorrente. Barreto (2015) relata em seu livro a dificuldade dos gestores públicos durante o século XIX em manterem o córrego livre de entulhos e lixo que a população da época insistia em jogar nas suas margens.

Um fato que só foi piorando ao longo do tempo, visto que, segundo Silva (2007), Cuiabá até o início da década de 50 não possuía um sistema de coleta de rede de esgoto, sendo somente no ano de 1952 que o governo contratou uma empresa que ficaria responsável pelo tratamento de esgoto da cidade. No entanto, o estrago já estava feito e o único modo pensado para a solução desse problema foi a construção de duas

avenidas ao longo do córrego que possibilitariam a ligação do centro ao bairro Porto e ao mesmo tempo promoveriam a higienização do local. Desse modo, as obras foram iniciadas em março de 1969 e paralisadas por falta de recursos, tendo sido retomadas em setembro do mesmo ano graças às desapropriações de várias residências que existiam ao longo do córrego, pois para construir a avenida eram necessários 15m de largura para cada margem do córrego a partir do eixo.

Romancini (2005) afirma que existiam outras ruas na cidade que poderiam ter sido usadas para a construção da avenida e demandariam menos trabalho, contudo, constatou-se que o córrego da Prainha estava localizado em um ponto central da cidade e que a sua presença também era tida como impedimento para o desenvolvimento da área que ficava do lado esquerdo da margem do córrego.

Por volta de 1970 as obras de canalização do córrego foram concluídas, entretanto, com o passar dos anos a população cuiabana começou a reclamar do mau cheiro que o córrego exalava. Nota-se aí que a proposta de higienização do córrego através de sua canalização não foi cumprida, visto que o esgoto continuava a ser despejado dentro do córrego, que não possuía força suficiente para o escoamento dos dejetos que eram lançados em seu leito. É importante ressaltar a ausência de propostas em relação à recuperação do córrego, sendo a única opção considerada a sua canalização, ignorando a sua importância histórica.

Dessa maneira, cidades como Brasília, Belo Horizonte e Minas Gerais foram desenvolvidas e Cuiabá desejava alcançar o nível de desenvolvimento dessas cidades após passar por um longo período de estagnação e agora era necessário alcançar o progresso presente em outras regiões para não ficar para trás, mesmo que para isso tivesse que enterrar um importante córrego que deu origem à cidade.

E de fato foi isso que aconteceu, pois além dos problemas citados anteriormente, constantes acidentes automobilísticos aconteciam ao longo do córrego, fazendo com que muitos veículos caíssem dentro do canal. Essas problemáticas somadas fizeram com que a região, a partir do ano de 1975, passasse por novas transformações. A cobertura do córrego da Prainha, que também foi realizada, segundo o prefeito da época, Rodrigues Palma, em reportagem à mídia News (2018), por conta da ligação entre as avenidas Historiador Rubens de Mendonça e Tenente Coronel Duarte, o que, de acordo com ele, não dava para ser feito com o canal aberto. Assim, o córrego foi coberto com concreto e asfalto, escondendo de todos a sua existência e mudando de vez a sua paisagem que um dia já foi a de um córrego volumoso.

A figura 2 mostra as obras no córrego da Prainha.

Figura 2 - Obras no córrego da Prainha – década de 70



Fonte: Eurípedes Andreato, 1969.

Na figura 3, pode-se observar o córrego da Prainha já retificado.

Figura 3 - Córrego retificado – década de 70



Fonte: Pedro Rocha Jucá, 1970.

Nas imagens acima é possível notar a transformação da paisagem do córrego em duas etapas: a primeira corresponde ao período da realização das obras para a canalização do córrego, onde se pode perceber a presença de residências ao longo de sua margem e o caos que se tornou a região em decorrência dos engarrafamentos causados pelas obras; já a segunda, é referente à transformação do córrego em avenida por onde circulam carros e a presença de prédios comerciais ao invés das antigas casas.

2.5 O CÓRREGO DA PRAINHA NO SÉC. XXI

Segundo Anelli (2015), a canalização de córregos para receber avenidas permitia a ocultação do esgoto lançado diretamente no corpo hídrico e viabilizava a comercialização imobiliária de grandes extensões de terras. Essa situação pode ser vista logo após a construção da Avenida Tenente Coronel Duarte, que teve um aumento das construções na franja do Morro da Luz. (ROMANCINI, 2005).

Desde o período da fundação de Cuiabá esta área se apresenta com uma função polarizadora, ou seja, uma centralidade dentro do território, dando a esta área o papel

de relevante, convergente e divergente dos principais fluxos, sejam eles financeiros, mercadológicos, econômicos, entre outros. (BORGES, 2013)

Do século XVIII até meados do século XX, as residências e os comércios coexistiam nesse espaço. Tal situação mudou a partir dos anos 1960, quando a cidade passou por um ciclo de urbanização, transformando tudo que era considerado velho e ultrapassado em novo e isso incluía o córrego e a população que vivia em suas margens e que em sua maioria era constituída de famílias humildes que foram obrigadas a procurar outras localidades para morar para que, desse modo, dessem espaço para o progresso que a criação de uma avenida representava. Assim, em pouco tempo as residências que existiam nessa região se transformaram em sedes de lojas dos mais variados segmentos.

No atual século a avenida Tenente Coronel Duarte, antigo córrego da Prainha (figura 4), de acordo com Silva (2007), é marcada pela presença das atividades terciárias, como serviços, comércio e lazer, algo herdado através da história e por sua posição estratégica, é nela que se convergem os fluxos trajetos e deslocamentos que propiciam os encontros, o descanso e o abastecimento. Dessa maneira, tornando-a um efetivo centro de mercado da cidade no qual se agregam outras atividades, como lazer, religiosa, política, financeira, comercial, entre tantas outras. Logo, a região da Prainha, mesmo com sua paisagem alterada, manteve a sua importância e o posto de centro da cidade por onde circulam milhares de pessoas de diferentes regiões e onde acontecem as principais relações comerciais que são a base da economia de Cuiabá.

Figura 4 - Córrego da Prainha transformado em avenida – séc. XXI



Fonte: Desconhecida.

Na figura 4 é possível notar a presença de comércio e a alta circulação de carros na Avenida Prainha, demonstrando sua importância para a mobilidade urbana, assim como a ausência quase que total de vegetação em toda a extensão da avenida. Na figura 5 é possível ver o córrego em estado avançado de poluição adentrando a Avenida Tenente Coronel Duarte.

Figura 5 - Córrego poluído entrando na Av. Prainha



Fonte: Silva, Geovany J.A, 2007.

Atualmente o antigo córrego da Prainha serve apenas como local de passagem e despejo de efluentes, muitos não sabem que debaixo dessa avenida tão importante para a mobilidade urbana e que também é responsável por ligar Cuiabá e Várzea Grande, fazendo com que milhares de pessoas consigam circular de uma cidade para outra de modo tranquilo, passa um córrego que foi responsável pelo surgimento de Cuiabá e que muitas vezes só é lembrado na época do aniversário da cidade, o que não é grande coisa, visto que é muito difícil achar imagens ou alguém que se lembre de como era o córrego antes de sua canalização e posterior transformação em avenida. Desse modo, foi totalmente apagado da memória de sua população, tornando o seu processo de destruição inevitável.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A retificação e posterior canalização do córrego da Prainha foi uma consequência do processo de urbanização que ocorreu em Cuiabá na década de 1960. Na época em que as obras foram realizadas não se pensava no valor histórico do córrego da Prainha, visto que em suas margens se formou o primeiro núcleo de ocupação da região. Nesse sentido, além de ter sido vital para a formação da cidade, foi também durante anos responsável por sua manutenção.

O processo de urbanização mudou a paisagem e o jeito que a população local se relacionava com o córrego, pois, apesar de já se encontrar em deteriorado estado, havia partes em que ainda era possível encontrar água razoavelmente limpa, onde crianças e adolescentes costumavam brincar, contudo, após a canalização, tudo virou esgoto, não sendo mais esses momentos possíveis.

Assim, o córrego da Prainha, agora transformado em avenida, continua sendo de suma importância para Cuiabá, pois nela estão localizados vários comércios, tornando-a uma centralidade, onde é possível encontrar todos os tipos de serviços e também um ponto de encontro na cidade, haja vista que é nela que as pessoas se encontram no ir e vir do trabalho, ou de quaisquer outras atividades que estavam realizando.

REFERÊNCIAS

- AMEDI, Nathália da Costa. **A invenção da capital eterna**: discursos sensíveis sobre a modernização de Cuiabá no período pós-divisão do estado de Mato Grosso (1977-1985). Cuiabá. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2014. Disponível em: DISS_2014_Nathália da Costa Amedi.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.
- ANELLI, Renato Luiz Sobral. Uma Nova Cidade Para as Águas Urbanas. **Estudos Avançados**, v. 29, n. 84, 2015. Disponível em: ANELI.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.
- ANJOS, Wellintânia Freitas dos *et al.* Urbanização dispersa e a transformação da paisagem natural: estudo de caso sobre a dispersão urbana na bacia do rio Cuiá, na cidade de João Pessoa, PB, Brasil. **Geoambiente on-line, Revista Eletrônica do Curso de Geografia – UFH/REJ**, Jataí-GO, n. 28, jan./jun. 2017. Disponível em: 45185-Texto do artigo-199410-1-10-20170623.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.
- AQUINO, Bruna Gonçalves. **Análise da Gestão das Águas urbanas de Cuiabá**: Estudo da Dinâmica por Sub-bacias e a Aplicação de Gestão Integrada a Partir de Soluções Baseadas na Natureza. 2020. Dissertação (Mestrado em Gestão e Regulação de Recursos Hídricos – PROFÁGUA) – Universidade do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, 2020. Disponível em: Dissertação FINAL_Bruna Gonçalves Aquino sub bacias.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.
- BARCELOS, José Humberto; CARVALHO, Pompeu Figueiredo de; MAURO, Claudio Antônio di. Ocupação do Leito Maior do Ribeirão Claro por Habitações. **Sociedade & Natureza**, v. 7, n. 13/14, 1995.
- BARGOS, Danubia Caporusso. **Mapeamento e Análise das Áreas Verdes Urbanas como Indicador da Qualidade ambiental Urbana**: estudo de caso de Paulina/SP. Instituto de Geociências. Universidade Estadual de Campinas/SP, 2010.
- BARRETO, Neila Maria Souza. **Bicas fontes chafarizes** – caixa d'água velha e a água de beber no espaço urbano de Cuiabá 1790-1886. Cuiabá - MT: Carlini & Caniato, 2015.
- BARTALINI, Vladimir. A Trama Capilar das Águas na Visão Cotidiana da Paisagem. **Revista USP**, n. 70, p. 88-97, jun./ago. 2006. Disponível em: 13534-Texto do artigo-16509-1-10-20120517 (1).pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.
- BERTRAND, Georges. Paisagem e geografia física global: um esboço metodológico. **Revista IGEOG/USP**, São Paulo, n. 13, 1971. (Caderno de ciências da terra)

BOCCATO, Vera Regina Casari. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Revista Odontológica da Universidade Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, p. 265-274, 2006. Disponível em: A pesquisa bibliográfica Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rdbci/article/view/1896>. Acesso em: 30 set. 2021.

BORGES, Rafael da Costa. **A Centralidade Intraurbana em Cuiabá**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013. Disponível em:

https://ri.ufmt.br/bitstream/1/1260/1/DISS_2013_Rhafael%20da%20Costa%20Borges.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.

BRANDÃO, Jesus da Silva. **Cuiabá: Desenvolvimento urbano e socioeconômico 1825-1925**. Cuiabá: Editora Livro Mato Grossense, 1986.

CASTRO, Afonso Celso Vanoni de; ALVIM, Angélica Tanus Benatti. **As Transformações Que Ocultaram os Rios de São Paulo: um modelo urbanístico a partir dos projetos da comissão de melhoramento do rio Tietê**, 2019. Disponível em: transformações que ocultaram os rios urbanos de sao paulo.pdf. Acesso em: 25 ago. 2021.

CASTRO, Afonso Celso Vanoni de; ALVIM, Angélica Tanus Benatti. **Drenagens e Paisagens Fluviais em São Paulo: parâmetros de planejamento para urbanização em fundo de vale para a bacia do córrego Jaguaré**. São Paulo, 2020. Disponível em: drenagens e paisagens fluviais em São paulo.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Florianópolis: UFSC, 1999.

COSTA, Maria Clélia Lustosa. Influências do discurso médico e do higienismo no ordenamento urbano. **Revista da Anpege**, v. 9, n. 11, p. 63-73, jan./jun. 2013. Disponível em: 6492-19474-1-SM.pdf. Acesso em: 24 ago. 2021.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 14. ed. São Paulo: Contexto 2006 (Temas Atuais.).

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. 2007. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/cuiaba/historico>. Acesso em: 24 ago. 2021.

- MAFIOLETTI, Dyene; VIEIRA, Jorge Luiz. De problema à resignificação: a transformação de um córrego em um eixo estruturador de urbanidade na ocupação Vila Natureza. *In*: LADWIG, Nilzo Ivo; CAMPOS, Juliano Bitencourt (org.). **Planejamento e gestão territorial: o papel e os instrumentos do planejamento territorial na interface entre o urbano e o rural**. Criciúma (SC): UNESC, 2019. Cap. 5.
- OLIVEIRA, Ana Luiza Garção. **A produção do espaço urbano de Cuiabá, Mato Grosso (1920-2016)**. 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Planejamento Territorial) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: ANNA LUIZA GARÇÃO OLIVEIRA.pdf. Acesso em: 23 ago. 2021.
- ROMANCINI, Sônia Regina. **Cuiabá: Paisagens e espaços da Memória**. 1. ed. Cuiabá: Cathedral Publicações, 2005 (Coleção Tibanaré v. 6).
- SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. 5. ed. 1ª reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- SCHIER, Raul Alfredo. Trajetórias do Conceito de Paisagem na Geografia. **Biblioteca Digital de Periódicos**, 2003. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/raega/article/view/3353/2689>. Acesso em: 21 set. 2021.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. São Paulo, SP: Cortez, 2007.
- SILVA, Geovany Alexandra da. **Parque Linear da Prainha Cuiabá, MT: uma ruptura de paradigmas na intervenção urbana**. Cuiabá, 2007. Disponível em: Parque_Linear_da_Prainha_Projeto_de_Intervencao_Urbana_Dissertacao_de_Mestrado_UFMT_2007.pdf. Acesso em: 22 ago. 2021.
- SIQUEIRA, Elizabeth M.; COSTA, Lourença A; CARVALHO, Cathia M. C. **O processo histórico de Mato Grosso**. Cuiabá EdUFMT, 1990.
- SOUSA, Angélica Silva de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; ALVES, Laís Hilário. A Pesquisa Bibliográfica: Princípios e Fundamentos. **Cadernos da Fucamp**, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.
- SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. Espaço Geográfico uno e Múltiplo. **Revista Eletrônica de Geografia y Ciencias Sociales** – Universidad de Barcelona, n. 93, 15 jul. 2021. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.html>. Acesso em: 15 out. 2021.

TROLL, Carl. El paisaje geográfico y su investigación. *In*: MENDONZA, J. G.; JIMENEZ, J. M.; CONTERO, N. (Org.). **El pensamiento geográfico**. Estudio interpretativo y antología de textos (De Humboldt a las tendencias actuales). Madrid: Alianza Editorial, 1982.

TUCCI, Carlos E. M; BERTONI, Juan Carlos. **Inundações Urbanas na América do Sul**. 1. ed. Porto Alegre: Associação Brasileira de Recursos Hídricos, 2003.

